

A PAIXÃO PELO FUTEBOL E OS SEGREDO'S DA BAIXADINHA: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA SISTÊMICA.

OLÍ JURANDIR LIMBERGER¹

SANDRA MARA MAYER²

ÚRSULA MULLER³

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – UNISC - SANTA CRUZ DO SUL - RS - BRASIL

olimberger@unisc.br

smmayer@unisc.br

ursula@unisc.br

INTRODUÇÃO

Esse artigo surgiu da inspiração do poema: oh que saudades que eu tenho; da aurora da minha vida; da minha infância querida; que os anos não trazem mais. Jogar bola em família na infância na baixadinha, com os primos, foram e são momentos de construção de identidade individual e coletiva, como uma “teia da vida”, elucidado por Capra (1996).

As pessoas e/ou comunidades necessitam unir-se para construção de espaços esportivos que abrigam e satisfazem, temporariamente, os anseios individuais e coletivos de seus moradores. A utilização desses espaços esportivos está na importância dada pelos seus pares e no significado da expressividade. A prática esportiva é o elemento impulsor de muitas famílias e comunidades na construção e manutenção desses espaços de práticas informais, diferentemente daqueles trabalhadores que não se identificam com esses espaços, por conseguinte, não satisfazem seus anseios biológicos.

O relevo diversificado no entorno da baixadinha e a vida escolar proporcionaram melhorias psicomotoras a partir do plano biológico. A prática de futebol na baixadinha tornou-se um lugar de liberdade coletiva das individualidades, expressa no seu espaço como um tablado em festa, princípios da nossa formação educativa. Essa evolução das partes para o todo, segundo Capra (1996) determina-se como uma perspectiva holística ou sistêmica, como termo científico mais técnico.

Assim, pode-se considerar que os seres humanos desenvolvem-se conforme as possibilidades e os limites dos seus agentes de formação, em muitas vezes, em situação de simplicidade. O que é necessário para transformar a realidade sócio-esportiva de uma família ou comunidade? Essa pesquisa descritiva histórica pretende resgatar fatos da infância, permeados entre a prática esportiva e o trabalho, e seus reflexos na construção de identidade e na escolha profissional. Pesquisa descritiva é definida por Cervo e Bervian (1996) como sendo “aquela que observa, registra, analisa fatos ou fenômenos sem manipulá-los”. Nesse sentido, a prática familiar de futebol na baixadinha, pequeno campo delimitado no meio de um potreiro para a prática de futebol, com goleiras feitas de madeira de angico com maior resistência, racionalizou nossas condutas individuais com o espaço físico externo. Abordando sobre o corpo na vida cotidiana, Gonçalves (1994) menciona que a forma de lidar com o controle do comportamento corporal “não são universais e constantes”, mas sim uma construção em sociedade, determinada por um “processo histórico”.

1 A BAIXADINHA

A baixadinha não era um campo de futebol. Era um pequeno espaço num potreiro, aqueles cercados feitos pelos agricultores para a pastagem do gado, que dividia aquele espaço conosco. Não eram bem vistos quando passavam, pois já tinham feito uma trilha no meio do campo, percurso diário de idas e vindas em busca de melhores gramas para pastarem.

Mas em alguns momentos nossos melhores aliados, porque com a pastagem preparavam a grama para os jogos na baixadinha. A bola, às vezes rolava rápida, às vezes

não. Nosso reduzido espaço no potreiro, com dimensões mínimas, mas com algo diferente. Quando jogávamos era enorme, nela ninguém ficava triste. De um lado, nos fundos de uma das goleiras, havia uma sanga, com água límpida. Todo seu córrego estava cercado por árvores, desde o nascedouro. Nas laterais, a diversidade da flora, com árvores baixas, algumas unhas de gato, arbusto de espinho que contribuía para a bola não se perder na imensidão do potreiro e em caules específicos batia e retornava para o campo. Para Capra (1996:25) “(...) A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedade, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza”.

A baixadinha, possuía atrás da outra goleira uma subida acentuada com pedras e a uns 20m mais acima, uma pequena parte plana com várias pedras soltas. Em uma das laterais, a cerca de arame farpado que separava o potreiro da lavoura, intimidava o gado. A cerca tinha cinco fios de arame presos aos postes. A linha lateral do campo ficava quase embaixo do fio inferior de arame, próximo do solo e cheios de pedaços pontiagudos. Foram colocados para afastar o gado das plantações e jogávamos sem percebê-los. Na outra lateral do campo, havia dois pés de cinamomos robustos que delimitavam a linha lateral, não reta, junto às raízes, construídas com enxadas pelos irmãos e primos. Ao meio dia e na parte da tarde, as árvores ofereciam sombra para o campo e para o gado descansar e se proteger.

Sua localização era distante uns 700m de nossa casa, na vila, hoje município de Segredo, RS, Brasil. A baixadinha ficava longe, mas ao mesmo tempo perto de casa. Naquele local podíamos jogar, mas normalmente nos finais de semana, dependendo dos serviços de limpeza da lavoura ou da colheita do fumo. A certeza de jogo era apenas nos domingos. Às vezes nós corríamos até lá na hora de meio-dia, interrompida pelo grito ríspido do pai que chamava para o serviço. A experiência familiar encontra respaldo em Gallardo (2000:21), onde aborda sobre a atividade física e o lazer que “as mudanças atuais, no nível de produção e qualificação para o trabalho, estão diminuindo a importância para a Educação Física Escolar nesse processo como preparação da força de trabalho. (...)”.

2 A BAIXADINHA E O TIME AMADOR DA VILA

Fomos crescendo e, nesse contexto, com a obrigatoriedade de ir a missa aos domingos pela manhã. O pai nos levava de carro e, depois das orações a conversa era rápida e voltávamos para o trabalho do fumo em corda. Pela parte da tarde, os mais velhos retornavam à vila para ver a equipe do Internacional, time amador local, em suas disputas. Escutava-se de casa os estampidos dos foguetes e gritos da torcida colorada que era fanática. A cada gol, os gritos pareciam que eram na baixadinha próxima de casa. O pai era o primeiro a ir ver os jogos, gostava de ver os outros jogarem.

Na baixadinha os jogos eram diferentes, talvez porque ninguém de nossas famílias jogasse no time da vila. O Luís, um dos manos mais velhos, começou a jogar no segundo time, depois no primeiro quadro e a torcida familiar aumentou. Depois veio o Pedro, o quarto irmão dos nove. Enfim, os treinos na baixadinha frutificavam os primeiros resultados. Começávamos a ir também aos jogos amadores na vila, despertando uma maior paixão para o futebol. Quando retornávamos para as disputas na baixadinha, era inevitável imitar os gestos dos jogadores. Corríamos feitos uns loucos atrás da bola. Por vezes, o jogo era interrompido para chutar uma “bola de estrume seca” deixada pelo resultado da alimentação do gado. Outras “tortas maiores” retirávamos com as mãos e num instante o campo estava limpo, bem como as mãos lavadas na sanga. Este local, de espaço pequeno na parte baixa do potreiro, se transformava numa imensidão de alegria, comemorada com gestos e danças a cada gol realizado. Utilizando-se Capra (1996), que salienta que toda questão ética ou de valores está centrada no homem (antropocêntricos), mas a ecologia profunda está centrada na terra (valores egocêntricos).

A alegria era por vezes interrompida quando em algum chute contra a cerca de arame farpado a bola furava. A frustração reinava quando não encontrada a solução. Parecia não ser verdade. As opiniões foram várias para conserto da bola e nada de concreto. A cada diálogo uma nova perspectiva sem solução. Sobre esse aspecto encontramos respaldo em Capra (1996:29) que define: “(...) A lógica não nos persuade de que deveríamos viver respeitando certas normas, uma vez que somos parte integral da teia da vida. (...)”. Depois que a bola furou ficamos quase uma semana sem falar em jogo em casa, até que o pai descobriu o que tinha acontecido. – *Vocês não vão ganhar outra*, disse ele. Era o que esperávamos e tudo silenciou. Os manos mais velhos ainda se olharam. Nós, os mais novos, nem suspiramos. Ficamos totalmente quietos e de cabeça baixa. Já tínhamos combinado que somente os mais velhos é que iriam falar. A bola furada fortaleceu nossa união.

Aos domingos o time amador continuava as disputas, sendo que numa manhã que consegui ir à missa fiquei encantado com os jogadores, todos uniformizados com agasalhos vermelhos. Eles tinham pernoitado naquela noite na concentração, dormitório existente no salão paroquial católico que se localizava ao lado da igreja. Fazer parte daquele quadro esportivo era divino. Divino, sim, pois naquela manhã todos foram à missa e o padre João em oração abençoou toda equipe, alimentando em mim a paixão de retornar para a baixadinha. Presente nesse contexto o conhecimento científico e o conhecimento religioso, segundo Gaya (2008) “o conhecimento religioso apóia-se em doutrinas reveladas. Mas, diferentemente tanto do senso comum como do conhecimento científico, ambos *verificáveis*, o religioso é *não verificável*”.

Participar daquele quadro dominical era a realização de um sonho. Falar com os jogadores uniformizados, tocar nos abrigos vermelhos, parecia impossível, divino. Os jogadores eram especiais, aqueles que jogavam melhor vinham da cidade de Sobradinho, distante 10 km. O Marino, único negro da equipe, se destacava nos dribles e cabeceadas. Todos faziam questão de cumprimentá-lo, apertando sua mão. Nós compartilhávamos eventualmente desse ritual, mas nem sonhávamos que um dia pudéssemos fazer parte desse time. Para Gonçalves (1994:13-14) “cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social”.

3 A ESCOLA E OS JOGOS ESCOLARES

No quinto ano do curso primário, nossa escola começou a fazer disputas esportivas. Inicialmente eram disputas entre colegas da escola. Depois, com colegas de outras escolas. E, de repente, fomos selecionados para representar nossa entidade educacional. Já demonstrávamos algum talento na hora do recreio, embora sem qualquer formalidade para nossa prática esportiva. Para Gaya (2008) através do esporte e da ginástica escolar, a dança, entre outras, possibilita-se a formação de valores, atitudes, na educação do corpo e de movimentos. Nesse momento as práticas na baixadinha contribuíram nas melhorias do acervo motor. Nossa escola possuía um pátio-campo grande onde dividíamos os jogadores das equipes, idênticos a experiência na baixadinha. O recreio era o momento mais esperado, a gurizada saía gritando para iniciar o jogo, pois times já estavam formados. Goleirinhas de chinelas de dedo, pés descalços e “bola para o mato que o jogo é de campeonato”. Quanto mais jogávamos mais aumentava a vontade de ir para a escola. Nesse sentido, Gaya (2008:45) descreve que pode-se transmitir aos adolescentes em geral “a cultura corporal do movimento humano” e a “formar cidadãos que saibam utilizar-se das diversas práticas corporais ao longo de sua existência”.

A professora Geba percebeu nossas dificuldades na matemática e começou a cobrar “uma tabuada” antes de sair para o recreio-jogo. Para nossa surpresa a cada dia a tabuada era diferente. Eu e meu primo, o Didi, éramos os primeiros a entregar a tarefa por escrito. Ela

corrigia e, se estava certo, íamos para o jogo. Lembro que nós estudávamos a tabuada durante a semana para não perder tempo para a prática esportiva. A tabuada do cinco foi moleza, fizemos tão rápido que ela exigiu melhorar a letra. Aquele dia demorou mais e atrasou para o recreio. Nesse contexto, Gallardo (2000) menciona que as idéias liberais e estruturais da sociedade sustentam que o esporte realizado na escola, levará os alunos a aprenderem que entre eles e o mundo existem outros, e que para o trabalho em grupo a obediência é necessária.

A escola do Tamanduá, localidade distante 11 km de Segredo, tinha uma equipe escolar que jogava bem o futebol. Ela foi convidada para participar da nossa programação cívico-desportiva. Então já treinávamos na hora do recreio pensando naquelas disputas. Os jogos eram alusivos à semana da Pátria, em setembro. Eram vários jogos de bola: caçador, corrida do saco, estafetas, vólibol, futebol, etc. Falando sobre o jogo e sua contribuição sócio-cultural, Silva et al (2010:40) mencionam que, "independente da época, da cultura, da classe social os jogos e as brincadeiras sempre fizeram e se fazem presente na vida dos seres humanos".

Naquela semana fomos agraciados com uma bola nova e voltamos para a baixadinha. A bola era pequena e não furava e por diversas vezes foi chutada por entre os arames farpados e permanecia intacta. Quando os quatro primos participavam, os jogadores aumentavam que exigiu aumento na dimensão da baixadinha. Então, inevitavelmente os dois cinamomos passaram a fazer parte do campo, contribuindo assim no desenvolvimento das nossas habilidades de desviar dos obstáculos, não perdendo a bola para ambos. Quando a bola era chutada para fora pela linha lateral, num descampado maior, a corrida era em torno de uns 30 metros. Se o placar era adverso, a velocidade dos piques para buscar a bola era mais intensa. Tudo para soltar o grito da comemoração de cada gol feito. Gaya (2008) compartilha com esse ritual mencionando que, todo atleta que faz um gol olha para o céu e agradece a Deus pelo gol bonito, fruto de muitos anos de treinamento.

Na baixadinha, a corrida atrás da bola para reposição em jogo também aumentava, quer fosse no descampado de uma lateral, no acrive atrás de uma das goleiras, principalmente, se a bola parava nas pedras mais no alto ou na hipótese de passar para o outro lado da sanga. Às vezes parecia que a bola se escondia no meio dos pés de pitangueiras e unhas de gato. Mas alguém sempre avisava onde ela estava e imediatamente voltávamos para o jogo. Aquela bolinha verde parecia eterna, inquebrável, sendo que muito mais tarde, descobrimos que a bola pequena e de cor verde era usada para jogos de tênis.

Assim, o tempo passou e ensinou-nos a valorizar as escutas de jogos pelo rádio apreciada pelo pai. Na construção de um trabalho, Oliveira Junior (2010) menciona que é preciso criar uma narrativa elencando os fatos e episódios mais ou menos conhecidos, analisando as representações dos sujeitos em tempos diversos e em diferentes velocidades.

Tudo foi sendo alterado em tempos de baixadinha. O tamanho das bolas e dos jogadores, o número de participantes, as dimensões do campo, como no grau de estudo, do primário para o ginásial e as nossas percepções. No curso ginásial e no segundo grau, atual, ensinos fundamental e médio, as aulas de Educação Física despertavam maior atenção. A participação esportiva ficou intensa: atletismo, vólibol, futebol, entre outras. O novo ambiente de aulas, intercaladas com as disciplinas de Português, Matemática, História, etc, ficou mais interessante. Lembro-me de uma das avaliações de um jogo de futebol feita pelo nosso novo professor da área específica, onde estávamos todos sentados na formação de um grande círculo e aos poucos ele falava sobre a atuação de cada um. Quando chegou a minha vez, lembro-me que ele disse: - *Tu fala muito e joga pouco*. Fiquei contrariado com as observações no momento, mas ele era o professor e ninguém contestou nada. Estávamos adultos e no turno oposto, eu compartilhava a formação educacional com o trabalho na agricultura familiar.

4 O VESTIBULAR PARA EDUCAÇÃO FÍSICA E A DOCÊNCIA

Viajei para Santa Cruz do Sul que distanciava 120 km da nossa vila para fazer a inscrição no vestibular em Educação Física. Momentos de indecisões sobre a escolha de qual curso eu deveria fazer. Meu pai falava muito em política e assuntos gerais que escutava no rádio, mas não interferiu na escolha. Ah, mas a baixadinha foi decisiva! Nesse momento fui auxiliado pelo quarto irmão que jogava bem futebol e cursava Educação Física. Ele mostrou-me como eram as aulas na FISC – Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul / RS, hoje UNISC. Percebi seus colegas todos de uniformes iguais numa das aulas. Lembrei dos nossos jogos com os primos na baixadinha, dos agasalhos do time do Internacional e, finalmente, optei pela inscrição para Educação Física. Passei no vestibular, comecei a cursar e quando voltava para casa das aulas compreendi a importância de fazer parte de um grupo seletivo no ensino superior, e o status familiar que detinha, como um dos dois entre os nove irmãos que conseguiram frequentar uma universidade e na área do esporte.

Na faculdade, a cada novo assunto de diferentes disciplinas era inevitável a associação com os jogos e as disputas na baixadinha. O esquema tático de futebol não funcionou, pois na baixadinha era três (3) contra três (3), cinco (5) contra cinco (5), bem diferente das formações táticas da época, 4x3x3, 4x4x2. Mas os jogos com número reduzido de elementos e valendo gol somente numa goleira, lembram os treinos de hoje. Para Gaya (2008:49) o conhecimento transdisciplinar é compreendido a partir da produção de um olhar comum que procura satisfazer as exigências de um objeto complexo “em que a multiplicidade de suas vertentes se submete a unidade de seu objeto”.

O entendimento remonta aquela experiência de que defensor deveria ter uma primeira preocupação com a defesa; que os do meio de campo eram responsáveis pela armação das jogadas, e os atacantes, pelos gols e no auxílio na marcação. Nosso “saber popular” fazia parte daquele contexto facilitando esse entendimento. Associei futebol à anatomia e percebi que os músculos da parte anterior da coxa eram os responsáveis pelo movimento do chute. Que para cabecear com mais força necessitávamos aproveitar a alavanca feita pelo uso do corpo e não só o movimento da cabeça: o cabeceio em si.

Em síntese, podemos afirmar que a parte externa da baixadinha contribuiu de sobremaneira para o entendimento do treinamento técnico-desportivo. Compreendemos que os saltos sobre a sanga de idas e voltas faziam parte do treinamento físico, quer seja na melhoria da impulsão horizontal ou vertical, nos movimentos corporais da dança, nos jogos e brincadeiras ou no treinamento pliométrico. Já as buscas de bola na parte lateral distante uns 15 ou 20m do campo faziam parte da associação com os trabalhos intervalados ou anaeróbicos. Eram piques curtos e rápidos. Descobrimos que os 15m de subida para buscar a bola, atrás de uma das goleiras da baixadinha, eram idênticos ao aclave da pista de atletismo do complexo do Ibirapuera, em São Paulo, utilizados para treinamentos gerais de corredores e saltadores. Igualmente, os dois cinamomos dentro das dimensões da baixadinha auxiliaram nos trabalhos de agilidade e destreza, trabalho semelhante feito com cones ou estacas nos treinos de futebol, igualmente nos movimentos circulares da ginástica e da dança.

Portanto, os Segredos da prática do futebol na baixadinha contribuíram significativamente na construção de identidades, de forma sistêmica nas relações pessoais e profissionais, como um caminho de superação para ir além do disciplinar, capaz de construir núcleos de conhecimento que combinem e se complexifiquem, como a parceria de minhas colegas docentes, que auxiliaram nessa produção trazendo suas experiências de recreação e iniciação esportiva nas séries iniciais², com a ginástica básica e a dança³, com as minhas de futsal, futebol e atletismo na UNISC¹. Nessas trocas interagiu-se saber popular com o saber científico, transdisciplinarmente.

REFERENCIAS

- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CERVO, A. e BERVIAN, P. **Metodologia Científica**. 4ª Ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- GAYA, A. O conhecimento científico e outras formas de conhecimento. IN: GAYA, A, Org. **Ciências do Movimento Humano** – introdução a metodologia da pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GALLARDO, J.S.P. **Educação Física** – contribuição à formação profissional. 3ª. Ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2000.
- GONÇALVES, M.A.S. **Sentir, Pensar, Agir** – corporeidade e educação. 9ª Ed. Campinas, SP: 2006.
- OLIVEIRA JUNIOR, R.J.F.de. **História e Sujeitos**: Percursos Metodológicos no Fazer Biográfico. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=alunos&id=328>. Acesso em 15 de out. 2010.
- SILVA, L. H.da, et al. The game and its social-cultural contribution for education and physical education. In: **Fiep Bulletin – Revista Científica Internacional da Fiep**. Vol. 80. Special edition – article I. 2010. p.37-40.